





### FAZEM ANOS:

Em 19 de Janeiro:

José Carlos Carriço Mocho,  
Maria Elvira Batanete Calado Figueiredo.

Em 20 de Janeiro:

Francisca de Jesus Piteira Cabo,  
Maria Joaquina dos Prazeres Maurício e Silva Ferreira,  
Senhorinha Maria Massas Duro.

Em 21 de Janeiro:

José Maria dos Santos Varela,  
Maria Hortênsia Moreira Bastos.

Em 22 de Janeiro:

Edla Pinto Ferreira das Neves Pi-  
res,  
João Luís Bensaia de Sechiró.

Em 23 de Janeiro:

Fernando Joaquim da Saúde Cor-  
reia,  
Saúl Manuel de Carvalho.

Em 24 de Janeiro:

Inácio José Marques,  
Pedro Manuel Vieira Talhinhas.

Em 25 de Janeiro:

Antero Augusto Teixeira Guedes,

Em 27 de Janeiro:

Dr. Alberto Carlos Martins de  
Brito Lima,  
Manuel Silvério Toscano,  
Maria João Franco Passos,  
Paulo Marcolino Novelo Falé,  
Maria Francisca Canhoto Ribeiro.

«Calipolense» n.º 40 - 19-1-74



### NOTARIADO PORTUGUÊS

Cartório Notarial de Estremoz

### CERTIDÃO

#### «ENCARNAÇÃO, NOBRE & HELIODORO, LIMITADA»

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de trinta e um de Dezembro do ano findo, lavrada de folhas trinta verso a folhas trinta e duas do livro de notas para escrituras diversas número B — trinta e quatro deste Cartório, o senhor JOAQUIM MENDES NOBRE, casado, natural da freguesia e concelho de Alter do Chão habitualmente residente na freguesia de Bencatel, concelho de Vila Viçosa cedeu a quota que possuía na sociedade em epígrafe ao senhor VASCO HOMEM VALADARES, casado, natural da freguesia de São Pedro, concelho de Évora, onde habitualmente reside, renunciou à gerência que na mesma sociedade vinha exercendo e autorizou que o seu apelido continuasse a fazer parte da firma da sociedade em causa.

Está conforme.

Estremoz e Cartório Notarial,  
aos sete de Janeiro de mil nove-  
centos e setenta e quatro.

O Ajudante,

(Francisco da Graça Curado de  
Matos)

Da Embaixada da Austrália rece-  
bemos um lindo e valioso calendário  
para o ano corrente.

Com os nossos cumprimentos,  
agradecemos a atenção.

### ENG. ALBANO SALLES DE MATTOS FERNANDES

Submetido há dias de urgência a  
melindrosa intervenção cirúrgica no  
Hospital de Évora, encontra-se fe-  
lizmente quase completamente res-  
tabelecido o sr. Eng.º Albano Salles  
de Mattos Fernandes, director da  
Escola de Regentes Agrícolas de  
Évora e Delegado do Governo junto  
do Grémio dos Industriais de Pa-  
nificação de Évora.

Apresentamos-lhe os nossos me-  
lhores cumprimentos, com singelos  
votos de que depressa se encontre  
de novo a gozar da melhor saúde.

### DR. GABRIEL GEORGE OSÓRIO DE BARROS

Deslocou-se há dias à nossa re-  
dacção para nos cumprimentar, e  
teve para nós palavras amigas de  
muita simpatia e estímulo, o nosso  
estimado conterrâneo e amigo de  
infância do nosso director, Sr. Dr.  
Gabriel George Osório de Barros,  
director da Secção D. Maria Pia, da  
Casa Pia de Lisboa.

Agradecemos a atenção e a ami-  
zade.

### FALECIMENTO

Faleceu no passado dia 11, em Lis-  
boa, o sr. José António Cuco, soltei-  
ro, de 25 anos, funcionário da Repar-  
tação de Finanças de Vila Viçosa,  
sua terra natal e onde era muito es-  
timado.

Era filho do sr. Francisco Cuco e  
da sr.ª D. Maria Eugénia Soeiro  
Cuco.

O funeral, que constituiu profun-  
da manifestação de pesar, realizou-  
se para Vila Viçosa no dia 12.

A toda a família enlutada, apre-  
sentamos sentidas condolências.

### ENCONTRADO MORTO

No passado dia 8, foi encontrado  
perto da estação de caminhos de  
ferro um rapaz de 19 anos, Manuel  
Joaquim Duro Lanternas, natural de  
Rio de Moinhos Concelho de Borba,  
que pôs termo à vida.

Era filho do sr. José Maria Lan-  
ternas e da sr.ª D. Ana Maria Duro.

A toda a família sentidos pêsames.

Estância de madeiras e materiais de construção

Pré-esforçados — carvão e lenhas

### ARTIGOS DE CASAS DE BANHO:

louças, azulejos, banheiras, torneiras, etc.

## Jaime Manuel Gonçalves Jaleca

### SERRAÇÃO MECÂNICA

Rua de Montes Claros, 1 e 3 — Telefone 9 44 61 — B O R B A

Cerca das 9 horas e 30 minutos do  
passado dia 3, na maternidade do  
Hospital de Sintra, nasceu uma ro-  
busta criança do sexo masculino a  
quem foi dado o nome de Abílio Au-  
gusto.

São seus pais os calipolenses Mi-  
guel António Patacão Rodrigues,  
funcionário de finanças, e sua espo-  
sa, D. Ana Maria da Silva Pereira  
Rodrigues.

Tanto a mãe como o bebé, encon-  
tram-se bem.

O recém-nascido é neto paterno do  
sr. Firmino Abílio Rodrigues e de  
sua esposa, e, materno, do sr. Her-  
nâni Augusto da Silva Pereira e de  
sua esposa, D. Maria das Dores Sil-  
va Pereira, já falecida.

Ao Abílio Augusto desejamos uma  
vida longa e sempre muito feliz.

A seus pais e avós apresentamos  
nossos melhores parabéns!

### DÁDIVAS PARA O AUTOCARRO DE «O CALIPOLENSE» C. D. DE VILA VIÇOSA

Transporte, 160 988\$80; Agostinho  
João Nunes, 100\$00; António José  
Batanete (Souzelas), 500\$00; Sócios  
do Calipolense, 700\$00; Câmara Mu-  
nicipal de Vila Viçosa, 5 000\$00;  
Francisco António Figueira (Elvas),  
30\$00; Dr. Joaquim Correia, 100\$00;  
Amigos do Autocarro, 600\$00; Sor-  
teio Brinde (S. L. e Olivais), 2 260\$;  
A Transportar, 170 278\$80.

### FALECIMENTO

Faleceu no passado dia 8, na sua  
residência, em Vila Viçosa, o Senhor  
Hermenegildo Augusto Malhado, de  
52 anos, natural de Vila Viçosa.

Deixou viúva a sr.ª D. Conceição  
de Jesus Esteves e dois filhos, um a  
prestar serviço militar no Ultramar.

A toda a família enlutada apresen-  
tamos sentidos pêsames.

## Gabriel Jaleco

SOLICITADOR ENCARTADO

Rua João de Deus, 66-1.º

ÉVORA

Telefones: { Escrit.: 2 41 51  
Resid.: 2 47 46

# OMNIMAR - Indústria, Comércio e Exportação de Mármore, Limitada

Certifico que, por escritura de  
18 de Dezembro de 1973, exara-  
da de fls. 61 v.º a 64 v.º, do li-  
vro de notas para escrituras di-  
versas, n.º A - 204, deste Cartó-  
rio, foi constituída entre Camilo  
Rodrigues, a representada deste,  
sociedade comercial por quo-  
tas de responsabilidade limita-  
da «Campos Silva, Limitada»,  
com sede em Lisboa, na Rua do  
Ouro, n.º 279, Silvano Rodri-  
gues e Francisco José Alves Ri-  
beiro, uma sociedade comercial  
por quotas de responsabilidade  
limitada que se regulará nos  
termos constantes dos artigos  
seguintes:

1.º

A sociedade adopta a deno-  
minação «Omnimar - Indústria,  
Comércio e Exportação de Már-  
more, Limitada» e tem a sua  
sede e estabelecimento na Quin-  
ta de Santiago, freguesia da  
Conceição, concelho de Vila Vi-  
çosa, podendo uma e outra ser  
transferidos para outros locais  
e podendo também serem cria-  
dos outros estabelecimentos ou  
serviços noutros locais, quando  
à gerência lhe pareça conve-  
niente.

2.º

A sua duração é por tempo  
indeterminado e inicia-se a par-  
tir de hoje.

3.º

O objecto social é a criação  
das infra-estruturas necessárias  
e subsequente exploração da in-  
dústria de mármore, ou de  
qualquer outra actividade lucra-  
tiva em que os sócios acordem  
e seja permitida por lei.

4.º

O capital social é de  
1 600 000\$00, encontra-se com-  
pletamente subscrito e realizado  
em dinheiro e corresponde à so-  
ma das quotas dos sócios que  
são as seguintes: uma de  
500 000\$00, pertencente ao sócio  
Camilo Rodrigues; outra de  
500 000\$00, pertencente à sócia  
«Campos Silva, Limitada»; ou-  
tra de 500 000\$00, pertencente  
ao sócio Silvano Rodrigues; e  
outra de 100 000\$00, pertencen-  
te ao sócio Francisco José Alves  
Ribeiro.

5.º

Poderão ser exigidas presta-  
ções suplementares de capital e  
os sócios poderão fazer os supri-  
mentos de que a sociedade ca-  
recer mediante os juros e condi-  
ções que deliberarem.

6.º

A gerência da sociedade e a  
sua representação em juízo, ou  
fora dele, fica desde já a cargo  
dos sócios Camilo Rodrigues e  
Silvano Rodrigues. Qualquer dos  
sócios gerentes, poderá delegar  
noutro sócio ou mesmo em pes-  
soa estranha à sociedade, os

seus poderes de gerência e de  
representação social, por meio  
de procuração com poderes es-  
pecíficos para o efeito. A socie-  
dade só fica obrigada com a as-  
sinatura dos dois gerentes, bas-  
tando porém a assinatura de um  
só em actos de mero expediente.

7.º

A sociedade não poderá obri-  
gar-se em abonação, fianças,  
letras de favor e em quaisquer  
outros actos que não sejam de  
interesse para os seus negócios  
sociais.

8.º

A cessão ou divisão de quo-  
tas é livre entre os sócios, care-  
cendo a cessão ou divisão a fa-  
vor de estranhos do consenti-  
mento da sociedade e tendo  
sempre os seus sócios o direito  
de preferência. Se houver mais  
de que um sócio interessado, di-  
vidir-se-á entre eles, proporci-  
onalmente às respectivas quotas,  
as que forem objecto da cessão  
ou divisão.

9.º

A sociedade poderá amorti-  
zar qualquer quota que seja pe-  
nhorada, arrestada, ou por qual-  
quer modo sujeita a arremata-  
ção judicial, considerando-se  
efectuada a amortização com o  
depósito feito na Caixa Geral  
de Depósitos Crédito e Previd-  
ência, à ordem do respectivo  
Juízo, da quantia corresponden-  
te ao valor nominal da mesma  
quota.

10.º

Quando a lei não exija ou-  
tras formalidades as assembleias  
gerais terão lugar mediante  
convocação, por carta registada  
com aviso de recepção, dirigida  
aos sócios com a antecedência  
mínima de quinze dias.

11.º

A sociedade só se dissolverá  
nos casos legais; e, em caso de  
morte ou interdição de qualquer  
dos sócios, os seus herdeiros ou  
representantes continuarão na  
sociedade e escolherão um de  
entre todos que os represente na  
sociedade enquanto a quota se  
achar indivisa.

§ único

No caso de dissolução, a li-  
quidação e partilha da socieda-  
de serão feitas conforme os só-  
cios deliberarem e constar da  
acta.

É certidão de narrativa que  
extraí, nada havendo na parte  
omitida em contrário ou além  
dela, e está conforme ao origi-  
nal na parte extractada.

Cartório Notarial de Vila Vi-  
çosa, 21 de Dezembro de 1973.

O Ajudante,

(a) Leonardo dos Santos Moreno

# Digressões matemáticas

(CONTINUADO DA PAGINA UM)

discordam... os alentejanos. Injusto conceito é esse, mas fundas raízes tem ele criado, até mesmo no espírito dos que nunca foram ao Alentejo.»

E, embora, ao formular tão judiciosas considerações, o irreduzível adversário do Parnasianismo e dos parnasianos (3) não tivesse descoberto a pólvora, pois o homem viu sempre e continuará a ver, enquanto durar a sua tormentosa peregrinação pelas inhospitas plagas do mundo, a Beleza à luz dum critério pessoal, subjectivo, condicionado pelos factores e tendências da própria idiossincrasia, ele não deixa, mesmo assim, de aduzir uma explicação válida para as aberrações estéticas dos que passam a vida a detrair tudo o que transcende os parâmetros da sua sensibilidade deformada e aceitam sem relutância, por vezes, até, com sectarismo apologético, as coisas mais feias e extravagantes, quer se trate dum *show* de música *pop*, dum mamarracho picassiano, dum *hippy* cavernícola de relações cortadas com a higiene, ou duma *menina bem* a cheirar a tabaco e a escarrar no chão com a descontraída displicência dum ganhão sertanejo... De igual modo, ajudará a compreender porque foi que o obscuro autor destas crónicas, sem nunca ter sido aquilo que, na gíria académica se entendia, e se entende, por um *urso*, desde os seus tempos de estudante liceal reagiu contra a esclerose de inibições e preconceitos ignaros que blindava o espírito dos seus colegas, tornando-o insensível aos encantos da Matemática, e de tal modo se rendeu ao fascínio desta maravilhosa ciência que não hesitou em fazer dela um dos polos dilectos da sua actividade intelectual. Para a generalidade das pessoas que, à semelhança de Stendhal, consideram o questionário ramo do saber humano como *uma região árida onde domina o raciocínio triste*, é natural que semelhante atitude não passe duma manifestação inequívoca de mau gosto, quiçá, mesmo, dum caso típico de sentimentalidade mórbida, e, admitindo, com uma certa dose de audácia especulativa, o acesso de «O Calipolense» às tertúlias contestatárias onde uns tantos mocinhos com mais cabelos do que miolos costumam discutir, à luz dos conceitos exagerados na *Critique of Pure Tolerance* de Marcuse, a reforma das estruturas sociais, até corre o risco de merecer a qualquer dos barbudos tertulianos um reparo deste género:

Eh pá! Este gajo é dos que gramam a matemática! Com certeza, não regula bem esta «pinha»...

Simplesmente, por muito molestos que sejam a mordacidade exegética desses eventuais detractores e os desplantes do seu criticismo atrabiliário, o respeito pela Verdade — a única coisa para a qual, na opinião de Ruskin, não há graus mas apenas perpétuos rasgos de rupturas — obriga o humilde rabiscador das «*Perspectivas*...» a confessar, sem receio,

mas também sem a estulta pretensão de apregoar uma sabedoria que não possui, o seu amor pela Matemática e uma receptividade espontânea para as maravilhas que fazem dela a mais sublime criação do espírito humano. É claro que, estando todos os amores macróbios sujeitos a vicissitudes que lhes afectam a estabilidade *barométrica*, esta inveterada matematicofilia, não pôde, igualmente, deixar de sofrer algumas, traduzidas, se não em *chumbos* ou em colapsos comprometedores, a o menos em intercorrências românticas, sem qualquer conexão directa com as teorias algorítmicas e espaciais (4), em *chamadas* catastróficas depois de longas horas de estudo nas *soirées* dançantes de Campo de Ourique ou nas baiucas do Paroquet Mayer, em *frequências* claudicantes, a acusarem os efeitos duma actividade desportiva descontrolada entre os *courts* de tennis da Tapada da Ajuda e a pista de *tartan* da... Travessa do Forno, etc., etc.. Mas, a despeito das peripécias e desfazamentos que perturbam a sua evolução no tempo e no espaço, não deixou de resistir à erosão duma vida aventureira e freimática, a ponto de se afirmar ainda hoje, num quadro de sintomas iniludíveis, sob o aspecto, quer duma admiração reverente, quase mística, pelos titãs da Matemática, quer dum esforço para aquilatar o alcance e o significado das descobertas que o génio desses *monstros* legou à Humanidade, quer de sangrias pecuniárias originadas pela compra de boas obras de vulgarização (as únicas, infelizmente, acessíveis ao dobral dum funcionário público e às munições do seu paiol exegético), quer, enfim, de rondas rituais pelas secções especia-

lizadas das grandes livrarias, onde, sem despêndio de numérico, qualquer sujeito se pode pôr em dia com as últimas novidades editoriais e tonificar o espírito com algumas páginas de succulentas especulações algébricas... Dada a evidência de semelhante síndrome, ninguém poderá estranhar, portanto, que o responsável por estas desenhadas parolendas dedique uma parcela do precioso espaço que o ilustre Director de «O Calipolense» generosamente lhe concede à Matemática rendendo assim um modestíssimo preito de homenagem à portentosa ciência que Leibniz, com a justiça e a objectividade que foram apanágio da sua mente privilegiada, reputou, um dia, como *honra do espírito humano*. É claro que, ao meter ombros a uma empresa tão temerária, não o impele o desejo de fazer o elogio da Matemática, em termos de indigesta pernoscidade ditirâmbica, nem dissertar, *ex-cathedra*, sobre as teorias matemáticas, desbobiando-lhes aexegese e estabelecendo as suas relações com outros ramos de conhecimento humano, nem, muito menos, ensinar os leitores a deduzir a *fórmula dos acréscimos finitos*, a demonstrar o *theoremata egregium* de Gauss ou a tratar por tu as questões concernentes à *docimasia de hipóteses* da Estatística... O que pretende, sim, é focar, singelamente, sem pirotecnias verbais e europeis retóricos, aliciantes curiosidades da discutida ciência — definições icásticas, apótegmias, apontamentos históricos, anedotas, problemas recreativos, variações amenas sobre temas algorítmicos, expedientes de cálculo, etc. — de maneira a tornar o espírito dos leitores um pouco mais receptivo para os encantos da Matemática e a

provar-lhes, que no fim de contas, esta nada tem de comum com o tal microcosmo sáfaro e lúgubre de que falava o autor de *La Chartreuse de Parme*. Toda a gente sabe que para se amar uma pessoa ou uma coisa é preciso ter, duma ou doutra, pelo menos um conhecimento superficial. Pois bem, com as *digressões* matemáticas que hoje inicia (5), ele não visa outra finalidade senão a de tornar o objecto da sua dilecção mental mais conhecido e, portanto, mais amado. E se conseguir materializar o seu destino, já terá bastos motivos para ficar satisfeito com os resultados alcançados.

JOAQUIM SOEIRO

(1) — Para os leitores que desconheçam a língua inglesa, aí vai a tradução (um pouco livre) do expressivo apótegmia russeliano: «A Matemática, bem vista, possui, não somente a verdade, mas também a suprema beleza... susceptível duma grave perfeição, como apenas a arte mais sublime pode patentear.»

(2) — EUGENIO DE CASTRO — *A Poesia Moderna*. «Jornal do Comércio», n.º 11 577 de 12 de Junho de 1882. Neste artigo, o poeta reivindicava, energicamente, para si, a chefia do movimento simbolista, declarando em termos enfáticos, onde estua todo um fêrvido proselitismo messiânico: «Fui eu o arauto, o ini-

ciador deste movimento da remodelação literária, trabalho que empreendi com a maior fé, com o ardor mais sincero, surdo a todas as malquerenças e a todos os ódios, olhos na minha estrela.»

(3) — Como não podia deixar de ser, ao mesmo tempo que declarava guerra, e guerra sem quartel, ao Parnasianismo a quem verberava o esmero da linguagem e o requinte clássico da forma, o Simbolismo assestava também as suas baterias dialécticas contra os parnasianos mais em voga, sobretudo contra Gonçalves Crespo, como o prova esta opinião de Alberto de Oliveira, outro destacada corifeu do Simbolismo, inserta numa das suas obras programáticas (*Palavras Loucas*): *Como é ridícula e impotente a ideia parnasiana no meio de tantas opulências por explorar, e aflição a mesquinha obra de Crespo cantando móveis e porcelanazinhas...*

(4) — A talho de foice e à guisa de justificação para o asserto, importa salientar que alguns tratadistas definem, precisamente, a Matemática como a ciência do número e do espaço e das suas múltiplas relações.

(5) — A exagerada extensão desta nota introdutória não permite que demos início, já neste número de «O Calipolense», às nossas digressões pelos domínios da Matemática. Ficará para um futuro próximo, se Deus nos der vida e saúde. Roma e Pavia não se fizeram num só dia...

## Campeonato Nacional da Terceira Divisão

### Almeirim, 6 - Calipolense, 0

A equipa de Vila Viçosa foi no passado domingo sofrer a Almeirim a sua mais pesada derrota.

Não obstante a rapaziada se ter batido com o brio e galhardia costumadas, o encontro não tem história, pois os locais dominaram a seu belo prazer.

Ao intervalo havia 2-0; no final, 6-0. Não há dúvida que o momento actual do futebol calipolense é mau, mas é preciso levar em conta que a equipa foi desfalcada de alguns dos seus principais elementos.

Continuamos na nossa: aguarde-mos melhores dias!

A equipa de Vila Viçosa alinhou: Talhinhas; Trindade, Calixto, Patacão e Serrador (cap.); Nelo, Rafael e Parraça; Belmido, A. Frade e Franco.

Na segunda parte jogaram também, Cabaço e Luís.

Arbitrou o sr. Carlos Pires, de Setúbal, que brilhou pelo caseirismo.

J. F.

## Coluna dos leitores

### ESCREVA-NOS QUANDO QUISER...

João António Mila Simões — Hamburgo: — A sua assinatura ficou paga até ao n.º 75. Continuaremos a remeter-lhe o jornal para o anterior endereço, como indica.

Basilio Augusto Carvalho — Lisboa: — Tem a assinatura paga até ao n.º 55.

Major Armando Knopfli — Lisboa: — Nada nos deve e nada tem que nos agradecer, pois até tem a assinatura paga até ao n.º 50, de que ainda estamos longe. Desculpe os erros tipográficos, que teimaram na inversão de posições do «f» e do «l», mas não foi por mal.

Joaquim António Rosa — Lisboa: — A sua assinatura está paga até ao n.º 46.

Firmino Abílio Rodrigues — Algueirão — Sintra: — Muito agradecemos a sua estimada carta e as amáveis palavras que nos dirige. O jornal é de todos nós e para todos nós e o seu progresso temos a certeza de que a todos agradará.

Victor Belo Nascimento Laranjeira — Évora: — Os 15\$00 a que se refere, liquidaram a sua assinatura até ao n.º 20, como lhe dissémos no nosso n.º 28. Agora ficou pago até ao n.º 73. Se não estiver certo com

as suas contas, por favor, diga-nos.

Mário Edmundo Nunes Felizardo — Laranjeiro: — Deixou o seu jornal pago até ao n.º 60.

Joaquim dos Santos Serra — Vila Franca de Xira: — Se não estamos enganados, tem a assinatura paga até ao n.º 38.

José Manuel Alegrias Pereira — Pero Pinheiro: — Porque já o pagou, o jornal é seu até ao n.º 57. E a partir daí, também, claro...

Pedro Paulo Louro — Évora: — Tem o seu jornal liquidado até ao n.º 50.

Joaquim da Conceição Ferreira da Saúde — Amadora: — Não encontramos a importância de 50\$00 a que se refere. Há lapso, que muito naturalmente será nosso, que até podemos tê-los creditado a outro assinante, pelo que lhe agradecemos mais qualquer indicação que nos ajudasse a localizá-los. Com esses 50\$00 a sua assinatura fica, como bem diz, liquidada até ao n.º 52.

Joaquim Maria Duro Toscano — Évora: — A sua assinatura ficou paga até ao n.º 59.

D. Leonor Silveira — Lisboa: — A sua assinatura está liquidada até ao n.º 30.

Manuel Dias Sardinha — Barreiro: — Tem o seu jornal pago até ao final do corrente ano.

António Rodrigues Dias — Évora: — Suponho que terá recebido todos os nossos jornais, tem a pagar 58\$50.

Miguel João Fallé e Costa — Lisboa: — A sua assinatura ficou liquidada até ao n.º 48.

Manuel João Jardim — Almada: — Tem o seu jornal pago até ao n.º 66.

Felizardo Francisco José Guerra — Cova da Piedade: — Lamentamos a notícia que nos dá e informamo-lo de que receberá o nosso jornal até ao n.º 46.

D. Maria João Lopes Lyra Fernandes — Lisboa: — Muito lhe agradecemos a sua amável carta e a valiosa colaboração que lhe juntou e a pouco e pouco iremos utilizar, igualmente lhe testemunhando o nosso reconhecimento pelo novo assinante, que já receberá este jornal.

Serafim Augusto Pereirinha — Évora: — Vamos substituir o seu endereço. A sua assinatura está liquidada até ao n.º 50.

A todos, cumprimentamos, com amizade.

### AGRADECIMENTO

ROSA MARIA GROSA, vem por este meio agradecer muito reconhecida a todas as pessoas que manifestaram o seu interesse e amizade durante a doença da sua muito chorada Mãe e igualmente a todos os que a acompanharam à sua última morada.

(CONTINUADO DA PAGINA UM)

da de São Romão à Lage, 300 000\$; — Pavimentação de duas Ruas na sede da freguesia de São Romão, 200 000\$00; — Conclusão da reparação do edifício da sede da Junta de Freguesia de São Romão e Cantina Escolar da mesma localidade, 50 000\$00; — Acabar o Mercado de Bencatel, 100 000\$00; — Urbanizar as Ruas do Novo Bairro de Bencatel, 300 000\$00; — Construção de uma nitreira anti-mosca, 50 000\$00; — Construção de uma abegoaria e um canil, 200 000\$00; — Fazer o saneamento dos Pelames e anexos, 100 000\$00; — Continuar com o arranjo do Mercado da Vila, 50 000\$; — Electrificação da Avenida dos Duques de Bragança, 300 000\$00; — Arranjo do Largo de Nossa Senhora da Conceição, 50 000\$00; — Construção do C. M. da E. M. 509 à Escola, Igreja e Cemitério de Cildas, 150 000\$00; — Continuação do arranjo do Bairro Operário, em Vila Viçosa, 100 000\$00; — Arranjo do Largo dos Capuchos, 100 000\$00 — Construção do Caminho Municipal de Paúl a Vinhas Velhas, 100 000\$; — Construção do Caminho Municipal da Ribeira de Pardais, até ao limite do Concelho de Alandroal, 150 000\$00; — Promover a construção de mais uma sala de aulas, em Pardais, 50 000\$00; — Construção de um edifício para a sede da Junta de Freguesia de Pardais, 50 000\$00; — Construção de arruamentos no Bairro dos Raminhos, em Bencatel, 100 000\$00; — Arranjo do Largo do Pedrão, em Bencatel, 50 000\$00; — Construção do Caminho Municipal, em Bencatel, 150 000\$00; — Arranjo da Porta do N6, 50 000\$00; — Construção de um Pavilhão Gimno-Desportivo, 50 000\$00; — Completar a obra de adaptação do antigo Quartel de Cima a Secção Liceal, 300 000\$00; — Construção do Caminho Municipal da Quinta do Lobo, 50 000\$00; — Construção do Caminho Municipal do Tapadão, 50 000\$; — Construção do Palácio da Justiça, 3 000 000\$00; — Electrificação da Fonte Soeiro, 75 000\$00; — Soma, 11 575 000\$00.

### BASE III DISCRIMINAÇÃO DAS OBRAS DE INTERESSE PÚBLICO A REALIZAR PELA CÂMARA E SUA DOTAÇÃO APROXIMADA:

Para execução das obras constantes do Plano de Actividades para o próximo ano prevê-se que se venham a dispendir as seguintes verbas:

— Conclusão do abastecimento de água ao Concelho, incluindo o abastecimento de água a Pardais, 1 000 000\$00; — Ampliação do actual Cemitério Municipal e construção de um novo, 700 000\$00; — Aquisição de terrenos na Biquinha, para instalação da pequena indústria, 500 000\$; — Estabelecimento de esgotos em diversos arruamentos de Vila Viçosa e Urbanização da Zona a Sul do Mercado, 3 000 000\$00; — Reparação do Caminho Municipal das Baptistas, 100 000\$00; — Idem da Estrada

mal, da destruição ou simplesmente da excentricidade, satisfações de prestígio ou do amor-próprio que são incapazes de obter pelas vias positivas do mérito. É difícilimo possuir o génio de Miguel Ângelo. Mas já se revela da maior facilidade destruir, com duas ou três marteladas, a mais famosa das suas obras.

De resto, hoje os émulos de Eróstrato pode dizer-se que superabundam. Os esquerdistas universitários que agridem professores ou destroem instalações, o que são, na ver-

## Dassei

LUZ DA VELA

DOLENTE

LUZ DA MORTE

SEQUENCIA

LUZ DE TI QUE JÁ NASCEU

LUZ LATENTE DO PENSAMENTO

OLHANDO

PERDI.

gregório gomes

«A PALAVRA»

de São Romão à Lage, 300 000\$; — Pavimentação de duas Ruas na sede da freguesia de São Romão, 200 000\$00; — Conclusão da reparação do edifício da sede da Junta de Freguesia de São Romão e Cantina Escolar da mesma localidade, 50 000\$00; — Acabar o Mercado de Bencatel, 100 000\$00; — Urbanizar as Ruas do Novo Bairro de Bencatel, 300 000\$00; — Construção de uma nitreira anti-mosca, 50 000\$00; — Construção de uma abegoaria e um canil, 200 000\$00; — Fazer o saneamento dos Pelames e anexos, 100 000\$00; — Continuar com o arranjo do Mercado da Vila, 50 000\$; — Electrificação da Avenida dos Duques de Bragança, 300 000\$00; — Arranjo do Largo de Nossa Senhora da Conceição, 50 000\$00; — Construção do C. M. da E. M. 509 à Escola, Igreja e Cemitério de Cildas, 150 000\$00; — Continuação do arranjo do Bairro Operário, em Vila Viçosa, 100 000\$00; — Arranjo do Largo dos Capuchos, 100 000\$00 — Construção do Caminho Municipal de Paúl a Vinhas Velhas, 100 000\$; — Construção do Caminho Municipal da Ribeira de Pardais, até ao limite do Concelho de Alandroal, 150 000\$00; — Promover a construção de mais uma sala de aulas, em Pardais, 50 000\$00; — Construção de um edifício para a sede da Junta de Freguesia de Pardais, 50 000\$00; — Construção de arruamentos no Bairro dos Raminhos, em Bencatel, 100 000\$00; — Arranjo do Largo do Pedrão, em Bencatel, 50 000\$00; — Construção do Caminho Municipal, em Bencatel, 150 000\$00; — Arranjo da Porta do N6, 50 000\$00; — Construção de um Pavilhão Gimno-Desportivo, 50 000\$00; — Completar a obra de adaptação do antigo Quartel de Cima a Secção Liceal, 300 000\$00; — Construção do Caminho Municipal da Quinta do Lobo, 50 000\$00; — Construção do Caminho Municipal do Tapadão, 50 000\$; — Construção do Palácio da Justiça, 3 000 000\$00; — Electrificação da Fonte Soeiro, 75 000\$00; — Soma, 11 575 000\$00.

### TURISMO:

— Adaptação da Casa dos Tabuleiros a Posto de Turismo, 40 000\$00; — Miradouro no Alto de S. Bento, a levar a efeito depois de construída a unidade hoteleira prevista para o mesmo local, 50 000\$00; — Reedição de desdobráveis, 50 000\$00; — Monumento ao Doutor João Augusto do Couto Jardim, 50 000\$00; — Soma, 190 000\$00.

### BASE IV

Não se prevê a criação de qualquer novo lugar durante o ano de 1974.

### BASE V INDICAÇÃO DAS ECONOMIAS A REALIZAR NA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL

Continuar-se-á a usar da maior prudência na administração dos dinheiros do Município, por forma a obter-se o melhor aproveitamento dos recursos existentes, continuando-se a procurar o mais barato, sem descuidar a qualidade, procurando-se sempre e em tudo evitar o supérfluo, não deixando, no entanto de se gastar o necessário.

### BASE VI CRIAÇÃO DE NOVAS RECEITAS

Não se prevê a criação de novas receitas.

### BASE VII

### EMPRESTIMOS

Foi já concedida a esta Câmara Municipal a necessária autorização para poder contrair um empréstimo de 1 000 contos, através do Comissariado do Desemprego, reembolsável no prazo de cinco anos, sem quaisquer encargos para este Município, e destinado a custear as despesas com a colocação de ramais da obra de «Saneamento de Vila Viçosa».

Paços do Concelho de Vila Viçosa, 7 de Novembro de 1973.

O PRESIDENTE DA CÂMARA

Cunhal de Almeida

## IMPrensa

(CONTINUADO DA PAGINA UM)

### O Emigrante

Completo 4 anos de existência este nosso estimado confrade, que se publica em Lisboa sob a direcção do jornalista Valentim Morais.

Com os nossos parabéns, saudamos todos quantos trabalham neste jornal, em especial os seus ilustres director e director-adjunto, P.º Dr. Vítor Melícias Lopes, inesquecível bom companheiro na viagem a Angola.

### O Jamor

No seu número de 17 de Novembro passado, este nosso apreciado colega dignou-se de citar o artigo «Caçadores do Alentejo», da autoria do nosso colaborador José Manuel Queimado, que publicámos recentemente. Gratos pela concordância, pelas felicitações para o autor e pela deferência para conosco.

## TURISMO

(CONTINUADO DA PAGINA UM)

Custa saber que os informadores turísticos não têm alicerces de fundo. Custa saber que os informados tudo aceitam, e muito mais custa ainda quando os guias tão pouco a língua-mãe falam.

Para quando, além da hospitalidade dos Calipolenses, um estrangeiro poderá levar de Vila Viçosa, uma realidade histórica fornecida em palavras?

Existem muitas línguas no mundo. Algumas há, que são obrigatórias aos povos desenvolvidos. Nós temos em Portugal quem as domine. Direi qual-se todas. Perguntarão os Calipolenses: Um indivíduo nas condições exigidas, cobraria a preço de ouro? Pergunto: É preferível deixar partir o turista sem ter percebido coisa alguma, ou pagar honestamente a quem de direito?

GREGÓRIO GOMES

# O Complexo de Eróstrato

Como os leitores por certo ainda não esqueceram, as maravilhas do mundo antigo eram sete: o colosso de Rodas, as pirâmides do Egipto, o farol da Alexandria, os jardins suspensos da Babilónia, o túmulo de Máusolo, o templo de Júpiter em Tarento e o de Diana em Efeso.

Pois Eróstrato, foi exactamente um obscuro cidadão de Efeso que, no ano 356 antes de Cristo e para alcançar a imortalidade, incendiou o famosíssimo templo de Diana da sua cidade-natal.

Para que este nefando desejo do incendiário se não realizasse, as autoridades de Efeso decretaram logo que tiveram conhecimento do autor do crime e do móbil (de que aquele, aliás, se reclamou) que quem quer que pronunciasse o nome de Eróstrato seria imediatamente morto.

Não sabemos se a coninação resultou para os tempos imediatos. Mas o que é certo é que o sinistro facto e o sinistro desejo chegaram até nós com o nome do seu criminoso autor e que, ainda hoje, se designa por complexo de Eróstrato esta aberração do espírito que consiste em ganhar, pelo crime monstruoso, direito, a um lugar na História.

Estas considerações vêm-nos à memória por virtude do acto de barbárie recentemente praticado pelos estudantes que destruíram na Universidade do Porto telas valiosas.

O que caracteriza os émulos de Eróstrato é a tendência para procurar pelos caminhos negativos do